

DIA INTERNACIONAL DA PAZ

21 de Setembro de 2009

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmos Senhores

Neste lugar, espaço Pátrio, onde cerca de dez mil nomes se perfilam, qual guarda de honra permanente ao Monumento aos Combatentes do Ultramar e aos Soldados de Portugal, evoca-se hoje, 21 de Setembro de 2009, o Dia Internacional da Paz, recomendado pela ONU e pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes. Este lugar vem-se tornando, cada vez mais, um Altar da Pátria, altamente significativo especialmente para os combatentes de Portugal e para suas famílias. Mas ao evocarmos a Paz, daremos testemunho da forma como temos desenvolvido ao longo da nossa História. Duas Grandes Batalhas:

- *A Batalha pelos Valores;*
- *A Batalha pela Dignidade do Homem, a Dignidade do combatente.*

Em ambas travamos continuamente duros combates. Na Batalha pelos Valores travamos:

- *O combate pela promoção da História*
- *Combate p'la promoção dos símbolos nacionais*
- *O combate pela ética e direitos humanos*
- *O combate pela cultura cidadania e defesa*
- *O combate pela conservação das memórias*

Na Batalha pela Dignidade desenvolvemos:

- *O combate pela solidariedade e pelo apoio mútuo*
- *O Combate pelo apoio médico psicológico e social*
- *O Combate pelo apoio aos idosos*
- *O combate pelo apoio às viúvas*
- *O combate pelo apoio aos deficientes*
- *O combate pelo apoio aos sem-abrigo*
- *O combate pela inclusão e contra a exclusão social de Combatentes e Famílias*

Enfim, o combate pela vida. Pela vida condigna dos Combatentes. Um combate verdadeiro pela Paz, dos que tiveram que fazer e dos que tiveram com eles que sofrer, a guerra.

Batalhas que vimos travando pelos verdadeiros Direitos do Homem, agora que a Assembleia Geral das Nações Unidas assinam, dentro de dias, o Protocolo

Facultativo ao Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais, dando assim relevo à nossa histórica linha de conduta.

Caros Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores reafirmo o que aqui disse, faz precisamente um ano:

Hoje é Dia Internacional da Paz. Assim foi estabelecido pela ONU. É uma decisão política importante. Mas a Paz, não é fruto de decretos. A Paz é fruto de atitudes. Nós, combatentes, conhecemos num longo período das nossas vidas, a realidade da vida, em estado de guerra. Conhecemos algo que nenhum de nós ambicionou conhecer. Nós que tivemos que fazer a guerra, somos o veículo ideal para dizer aos que a não fizeram e aos políticos que a determinam, que ela um absurdo, uma catástrofe e sempre destruição de vidas e bens. Só a luta pela sobrevivência ou a defesa dos mais altos valores de uma sociedade em perigo, pode justificar o uso da força. Por isso, quando hoje aqui nos reunimos evocando a Paz para o mundo, sabemos, conhecemos a verdadeira realidade humana. Fomos parte, da parte difícil da verdadeira história do homem na Terra. Uma história de guerra e paz. Uma história de paz e guerra. Uma História de conflitos e tranquilidades. Mas sabemos que no mundo inteiro, qualquer cidadão, qualquer homem, mulher ou criança ambiciona Paz, Segurança, Justiça, Liberdade e Bem-Estar. Mas muitas vezes sem que tenha força para o impedir, ou mesmo sem sequer para tal ser ouvido, dão-lhe guerra.

É importante então, para que não nos sintamos aqui num encontro utópico, que aqui apelemos, hoje, para que todos os atores internacionais, fundamentalmente aqueles que dominam a cena internacional, atuem para que os períodos de Paz sejam exponencialmente superiores aos períodos de guerra e que façam tender estes, para zero. Mas mesmo nesses períodos, em que se reconheça ser a guerra inevitável, é fundamental que os princípios do direito internacional e os valores universais e os direitos humanos tenham peso superior aos interesses por parte de quem toma a decisão de fazer a guerra. As Nações Unidas têm feito grandes esforços mas têm-se mostrado incapazes de impedir a guerra. Talvez por isso Kofi Annan quando apelou para que se evocasse no mundo inteiro, um dia internacional da Paz, a 21 de Setembro, reconhecia a incapacidade da ONU e procurava na sensibilização dos cidadãos do mundo inteiro a força para que fosse possível, mais Paz.

A iniciativa da FMAC para que em todos os países pertencentes esta organização de antigos combatentes se fizesse uma marcha pela Paz de acordo com a orientação da ONU no dia 21 de Setembro, teve a adesão da Liga dos Combatentes e da ADFA, pertencentes àquela Federação há longos anos que convidaram as associações de combatentes aqui hoje presentes. Quando falamos de Paz somos normalmente

levados a pensar em conflitos de origem externa e em que estivemos, estamos ou podemos estar envolvidos.

Uma palavra de estímulo para aqueles militares que hoje, face a decisões políticas tomadas, se encontram em teatros de guerra. Para eles o nosso carinho e desejos de sorte e eficiência nas missões que lhes forem atribuídas e que elas sejam o mais curtas possíveis por aí se ter encontrado a Paz. Mas as situações de Paz na ordem externa recebem um grande contributo de Paz na ordem interna das diferentes sociedades. Paz na Política, Paz na Sociedade e nas suas diferentes componentes, Paz na Família, Paz no interior de cada cidadão. Paz na rua. E se também aqui, fruto do domínio das regras de vida em sociedade, se conseguir com eficiência, eficácia, equidade encontrar a forma mágica de atingir em elevado grau os objetivos atrás referidos, de Segurança, Justiça, Bem-estar e Liberdade, então os períodos prolongados de Paz interna e o equilíbrio de uma Paz externa serão uma realidade possível.

A Paz na sociedade vive muito da tranquilidade conseguida nas suas diferentes componentes. Julgamos estar já demonstrado que nós combatentes somos uma das partes significativas dessa sociedade. Mais. Uma parte dessa sociedade que quando foi entendido pegar em armas para defender a outra parte não hesitou em fazê-lo e assume que o fez com honra no cumprimento de um dever. Tal como ser militar não significa ser militarista, defender a Paz não significa ser pacifista. Significa ser realista. Significa ser consciente e informado dos valores pelos quais vale a pena lutar. Por isso, é hoje muito importante que nos sintamos em Paz. Em Paz com a nossa própria consciência. Se assim for, podemos exigir que sejamos olhados pelos decisores políticos, não como os que fizeram uma guerra do outro regime, mas como combatentes que fizeram essa guerra e fariam as guerras do atual regime, como o mesmo sentido patriótico e o mesmo empenhamento, que o fazem os combatentes de hoje.

Muito importante se torna pois que algumas justas reivindicações de combatentes idosos, deficientes ou carenciados sejam atendidas, para que assim possam atingir a sua Paz de espírito individual e possam contribuir para a Paz de espírito coletiva. Não faz sentido apelarmos para um Dia Internacional da Paz se internamente não dermos o exemplo de sucessivos dias de Paz interna. Conjugação de esforços, trabalho, tolerância, coesão na prossecução de objetivos verdadeiramente nacionais, respeito pelos direitos humanos, são contributos positivos para essa Paz interna e indiretamente para a Paz Internacional. Termina exortando a que:

Ajudemos a preparar comunidades e sociedades para viverem em Paz; Construamos o diálogo e a confiança entre antigos beligerantes; Tenhamos em consideração e legislemos para a resolução dos problemas com que se debatem diferentes gerações de combatentes, bem como de mulheres e crianças afetadas pela guerra; Atuemos com o nosso contributo de combatentes para a Paz e Segurança Internacional e para o respeito do conceito alargado dos Direitos Humanos. Enfim,

que a voz levantada hoje pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes a favor da Paz, pelos mais de 27 milhões de antigos combatentes que a compõem, em mais de cem países de cinco continentes, seja suficientemente alta e poderosa para ser ouvida.

*Nós que sofremos a guerra
Que no corpo e alma marca nos deixou
Nós que fizemos a guerra
Mas a quem a lei da morte não levou
Aqui afirmamos, seja a Paz único lema
Que morrer por ele, valha a pena!*

Vale a pena, os combatentes repetirem a Marcha pela Paz, o Discurso e as Palavras, quando houver uma finalidade e um sentido profundo. Era bom que a sua repetição conduzisse a quem ouvisse com capacidade para decidir pela Paz.